

Infância indígena: relações educativas nos diversos contextos

Indigenous childhood: educational relationships in different contexts

Alceu ZOIA¹
Odimar João PERIPOLLI²

Resumo

O presente estudo pretende trazer para a discussão a temática da infância indígena e suas relações educativas, que acontecem nos diversos contextos de formação em que a criança está inserida. Tratamos, neste artigo, da criança Terena do Norte do Mato Grosso, sua cultura e seus modos de aprendizagem, que estabelecem o convívio com seus semelhantes, buscando compreender como, através do brincar e do relacionamento com os demais membros da comunidade, a aprendizagem vai sendo construída e ressignificada pelas crianças em suas ações cotidianas.

Palavras-chave: Criança. Brincadeiras. Aprendizagem.

Abstract

The present study aims to bring to the discussion the issue of indigenous childhood and their educational relationships that happens in different formation contexts that the child is inserted. We treat in this article about Terena children of northern Mato Grosso, its culture and their ways of learning that establish contact with their peers, trying to understand how, through play and relationship with other members of the community, learning will be built and ressignified by children in their daily actions.

Keywords: Child. Playing. Learning.

1 Professor da Universidade do Estado de Mato Grosso/PPGEdu, Doutor em Educação pela UFG, membro do grupo de pesquisa Educação e Diversidade no Contexto da Amazônia Legal Matogrossense. Endereço: Rua das Bilbérias, 355, Jd. Primavera, Sinop/MT, CEP: 78550-389. Fone (66) 3532-0436. E-mail: <alceuzoia@hotmail.com>.

2 Professor da Universidade do Estado de Mato Grosso/PPGEdu, Doutor em Educação pela UFRGS, membro do grupo de pesquisa Educação e Diversidade no Contexto da Amazônia Legal Matogrossense. Endereço: Rua dos Açais, 239, Centro, Sinop/MT, CEP: 78550-156. Fone: (66) 3531-2810. E-mail: <familiaperipolli@ibest.com.br>.

As crianças indígenas aprendem os conhecimentos sobre a natureza, os costumes, as crenças e as técnicas, em atividades rotineiras nas quais estão reunidas habilidades corporais e a capacidade linguística. (ALMEIDA, 2010, p. 123).

Os sentidos que constituem os modos de ser criança nas comunidades indígenas, considerados sujeitos de direitos constitucionais em nosso país, configuram as possibilidades de viver as infâncias nas relações educativas, em diversos contextos da Amazônia Legal Matogrossense, numa aproximação com as diferentes etnias. Nesse sentido, a pesquisa com as comunidades indígenas da região Norte de MT, permite constituir um campo dialógico com seus sujeitos e analisar os sentidos de vida, as culturas e os modos de educação de seus filhos.

As crianças expressam seu modo de compreender o mundo também através das suas brincadeiras. Mesmo pequenas e inexperientes, elas não deixam de compreender o que se passa com o seu povo e revivem nas brincadeiras a sua história. Através das brincadeiras podem recriar o seu mundo, não apenas como uma fantasia, mas também como uma encenação da vida real. É neste sentido a afirmação de Vygotsky, de que “[...] Para resolver esta tensão, a criança em idade pré-escolar envolve-se num mundo ilusório e imaginário onde os desejos não realizáveis podem ser realizados, e esse mundo é o que chamamos de brinquedo” (VYGOTSKY, 1989, p. 106). O brinquedo e o brincar aparecem nas atividades das crianças como uma forma de atender os desejos que não podem ser imediatamente satisfeitos, na brincadeira a criança pode se apresentar como maior do que realmente é. Ou ainda, como apresentado na epígrafe deste texto, é nas atividades rotineiras que as crianças vão assimilando os conhecimentos e costumes característicos de seu povo.

Pelas brincadeiras, principal atividade da criança (VYGOTSKY, 2004), ela é capaz de ir além da realidade imediata e refletir sobre esta realidade. Luria (1986, p. 13) afirma que “[...] o homem, diferentemente dos animais, pode operar não somente em um plano imediato, mas também em um plano abstrato, penetrando assim profundamente na essência das coisas e suas relações [...]”, e este exercício é iniciado na ação lúdica da criança.

Para Almeida (2010, p. 133, grifos do autor) “Nas sociedades indígenas os jogos e as brincadeiras tradicionais estão relacionados à cosmologia que orienta seu *modus vivendi* e sua visão de mundo”. Para o autor, “As brincadeiras são formas lúdicas de apreensão da realidade que formam uma identidade fundamentada nos sentidos e significados específicos de cada cultura” (ALMEIDA, 2010, p. 133).

Vários estudiosos já se debruçaram sobre a importância das brincadeiras no desenvolvimento das crianças. Dentre muitos, podemos citar: Vygotsky (1989,

1998, 2004), Wallon (1975), Leontiev (2004, 2006), Elkonin (1998), Barbosa (1997, 2006), os quais discutem a função da brincadeira no desenvolvimento infantil, afirmando que é nesses momentos que a criança tem a possibilidade de experimentar e participar das diversas situações que envolvem discussões, criação e aceitação de regras, convenções e valores sociais. É através dessas interações que as crianças vão promovendo suas aprendizagens e desenvolvendo as habilidades.

Através da brincadeira a criança tem a possibilidade de se apropriar do mundo real dos seres humanos da maneira que lhe é possível no seu atual estágio de desenvolvimento. Portanto, a brincadeira não é instintiva para a criança. É uma forma objetiva de se apropriar do mundo dos adultos através da imaginação e da fantasia, que tornam possível para as crianças realizar as atividades desenvolvidas pelos adultos. A imaginação e a fantasia desempenham o papel de fazer a aproximação do mundo infantil com o mundo adulto.

É neste sentido que vamos encontrar as palavras de Leontiev (2006), quando, elegendo a brincadeira como sendo a atividade principal da criança em idade pré-escolar, assim define o *status* desta atividade:

O que é, em geral, a atividade principal? Designamos por esta expressão não apenas a atividade frequentemente encontrada em dado nível de desenvolvimento da criança. O brinquedo, por exemplo, não ocupa, de modo algum, a maior parte do tempo de uma criança. A criança pré-escolar não brinca mais do que três ou quatro horas por dia. Assim, a questão não é a quantidade de tempo que o processo ocupa. Chamamos atividade principal aquela em conexão com a qual ocorrem as mais importantes mudanças no desenvolvimento psíquico da criança e dentro do qual se desenvolvem os processos psíquicos que preparam o caminho da transição da criança para um novo e mais elevado nível de desenvolvimento. (LEONTIEV, 2006, p. 122).

Por meio das brincadeiras as crianças ampliam seu universo de ação, proporcionando um grande impulso em seu desenvolvimento psicológico e também motor.

As crianças, através das atividades típicas do seu mundo infantil, recriam o universo do adulto, não apenas por imitação, mas como forma de crescimento, de se projetar para adiante do lugar em que se encontram para buscar a superação de seu estágio inicial. O universo infantil é quantitativo e qualitativamente diferente do universo adulto e merece ser estudado, pois assim nos ajudará a compreender o seu processo de formação e de desenvolvimento.

A brincadeira provoca *revoluções* no desenvolvimento da criança. Segundo Leontiev (2006), a criança é movida em seu cotidiano pela realidade objetiva e não se deixa dominar pela fantasia na qual estava envolvida durante a realização da brincadeira. Mediada pela brincadeira a criança amplia seu horizonte de desenvolvimento, sendo possível para ela extrapolar os próprios limites de seu corpo através do uso da imaginação, sendo capaz de montar seu cavalo num cabo de vassoura, dirigir um ônibus nos galhos de uma árvore, enfim, tudo se torna possível no seu mundo de faz-de-conta. É também neste sentido que Vygotsky (1989, p. 117) afirma que o brinquedo “[...] é muito mais a lembrança de alguma coisa que realmente aconteceu do que imaginação”.

Entendemos que o brincar infantil vai além do momento do jogo, do brinquedo ou da brincadeira, ele desempenha um papel importante no desenvolvimento do pensamento da criança. Para Leontiev (2006), a brincadeira é a principal atividade da criança nesta faixa etária e costuma ser uma estratégia pedagógica importante nesse estágio do desenvolvimento infantil.

Como ressaltam Fassheber, Freitag e Ferreira (2010, p. 142),

A não violência e o jogo limpo, pelo menos no plano ideal, passam a ser os sentimentos cada vez mais difundidos e dominantes, dada a difusão do autocontrole das emoções. É claro, não estamos querendo dizer que as emoções são sempre controladas em um ideal.

Entre as diversas atividades realizadas pelas crianças da aldeia, no momento da pesquisa, está o projeto *Índio Marceneiro*, no qual encontramos as crianças fabricando diversos tipos de brinquedos numa pequena marcenaria instalada na aldeia. Neste espaço, enquanto as crianças maiores mediam o pedaço de madeira que iriam ocupar no objeto que estavam construindo, percebemos que outras crianças menores observavam tudo atentamente, na tentativa de compreender o processo de produção dos brinquedos que ali estava se desenvolvendo diante de seus olhos atentos.

Neste ambiente de aprendizado, sob a supervisão de um adulto (professor), as crianças têm a liberdade de criar diversos objetos, construir seus brinquedos, tais como casinhas, cadeiras, carrinhos, entre outros: “O Eu que importa é aquele que existe sempre [...]. Não está para ser descoberto, mas para ser inventado; não está para ser realizado, mas ser conquistado; não está para ser explorado, mas para ser criado” (LARROSA, 2000, p. 09).

É nesse sentido que a produção dos brinquedos vai adquirindo significado para as crianças. Os brinquedos passam a ser resultado de seu trabalho individual e/ou coletivo.

Assim como na marcenaria, na escola a presença de crianças de pouca idade, que ainda não frequentam as aulas regularmente, entre as demais, é constante. Pacientemente as crianças menores observam tudo o que está sendo construído pelas demais, mesmo sem participar efetivamente das atividades realizadas pelas maiores. Mesmo assim, conforme observamos durante o processo da pesquisa, as crianças menores parecem estar atentas a tudo o que acontece ao seu redor, mergulhadas no universo dos significados que aos poucos vão sendo desvendados.

Segundo Vygotsky (1989), as atividades que são realizadas em grupo, de forma conjunta entre as crianças, oferecem grande vantagem sobre as tarefas realizadas individualmente, pois no grupo há uma interação entre os sujeitos, um mediando o aprendizado do outro. Esse processo também é denominado por Vygotsky de Zona de Desenvolvimento Proximal, ou seja, esta seria a etapa em que aquilo que uma criança tem a capacidade de realizar hoje somente com a ajuda ou em colaboração com o outro, amanhã poderá realizar sozinha de maneira independente e eficiente, pois já adquiriu o conhecimento para executá-la.

Observamos que, durante a realização das atividades na marcenaria, uma menina pequena apenas observava o trabalho das maiores. Diversa das demais que estavam envolvidas na atividade, procurando a medida adequada para a qual o pedaço de madeira seria utilizado, a pequena apenas observava, atenta a todos os movimentos, deixando para nós a impressão de que estava apenas aguardando sua hora de poder participar da atividade. Em meio ao espaço apertado da marcenaria, por entre os objetos já concluídos e os em construção, as crianças vão fazendo deste trabalho um momento importante de aprendizado.

Percebemos que os brinquedos criados pelas crianças eram reproduções de objetos do seu cotidiano, tais como: como cadeiras e casas que seguiam o modelo e padrão de suas próprias casas.

A vida dos Terena em anos passados era bem diferente daquilo que encontramos hoje aqui no Norte de Mato Grosso. Conforme nos conta Dona Catarina Jorge (matriarca desse grupo), antigamente eles viviam no meio do mato. As casas eram distantes umas das outras, o que dificultava o convívio entre as crianças, fazendo com que estas se relacionassem de modo mais intenso apenas com o grupo familiar mais próximo.

As brincadeiras que faziam parte da vida das crianças também se modificaram com o passar dos anos e conforme o ambiente em que o grupo se instalava. No período em que estavam vivendo no estado do Mato Grosso do Sul viviam na roça, desta forma, as brincadeiras que envolviam as crianças estavam mais relacionadas com este tipo de atividade e com as condições ambientais em que se encontravam.

Dona Catarina nos fala de sua infância e de como as crianças brincavam em sua época, as meninas e também os meninos, ressaltando a diferença de gênero das brincadeiras: meninas brincavam de boneca, meninos de cavalinho.

Menina só brincava de boneca, e os guri só brincava de cavalinho, eles pegavam um pauzinho e faziam o cavalinho deles e agora esses guri já tem seus carrinho pra brincar, o pai compra carrinho pra brincar e naquele tempo não, não tinha esse negócio de comprar carrinho, minhas crianças mesmo só brincava de boneca, tudo feito em casa, e agora esse tempo tá tudo modificado, não é mais igual o tempo passado, dos antigo (sic). (Dona Catarina Jorge, em entrevista no dia 19 de abril de 2008).

Segundo Dona Catarina, na sua época de infância todos os brinquedos eram confeccionados em casa mesmo. As bonecas eram feitas de espigas de milho, abobrinhas, ou até mesmo com algum pedaço de pau, que eram enrolados em alguns trapos e serviam de brinquedo para as crianças, ou seja, as brincadeiras refletiam o universo agrícola em que estavam vivendo. Os meninos se divertiam correndo pelos campos e ruas com cavalinhos feitos com pedaços pau.

Qualquer pedaço de madeira ou galho de árvore servia para fazer uma carreirada de cavalos. (Dona Catarina Jorge, em entrevista no dia 19 de abril de 2008).

Percebe-se que existia e existem muitas infâncias e que estas nada tinham ou têm de natural: foram e continuam sendo produzidas, historicamente, dentro das várias culturas das quais as crianças fazem parte. Em outros termos, quer-se afirmar que os sujeitos (também as crianças) se constituem no contexto, ou seja, são produto de uma realidade social e histórica, bem como a concepção e práticas de brincar também expressam essa mesma realidade.

Outra brincadeira que sempre acompanhou este povo foi o futebol. Improvisava-se uma bola com o material que estivesse disponível e isso fazia a diversão de crianças, jovens e também dos adultos da aldeia, de ambos os sexos. Ainda hoje encontramos times de futebol na aldeia, masculinos e femininos de todas as idades.

Para Aguiar (1999 apud GRANDO, 2010, p. 118),

[...] A emblemática do futebol é total, quer dizer, ela abrange todo o conjunto do jogo, e não apenas uma e outra equipe, separadamente. Derrotar o adversário significa decifrar-lhe os oráculos, desencantar o enigma: só se derrota aquilo que se conhece.

Nas palavras de Grando,

O futebol possibilita o jogo de conhecer o outro e dar-se a conhecer pelo outro, numa relação em que ambos entram em cena ‘em pé de igualdade’, são jogadores que pretendem dominar a bola e as regras para vencer o adversário, sem a qual não haveria a possibilidade de jogo. (GRANDO, 2010, p. 107, grifo da autora).

Os brinquedos e brincadeiras com situações imaginárias foram destacados por Vygotsky (1989) como sendo de grande relevância para a criação da situação imaginária da criança, para que assim ela possa ir se instrumentalizando para a construção do seu conhecimento e de sua socialização. Por intermédio da ação fantasiosa criada pelas brincadeiras e pelos brinquedos, as crianças reproduzem o cotidiano da vida dos adultos que ainda não têm condições de participarem como gostariam. Desta forma, a imaginação age como um elemento de alargamento do universo infantil. O brinquedo, o jogo ou as brincadeiras, também servem como elementos que criam uma zona de desenvolvimento proximal da criança, pois possibilitam a ela assumir um comportamento que vai além de suas possibilidades reais.

Com as constantes mudanças pelas quais este grupo passou, as brincadeiras das crianças também sofreram modificações, de acordo com as condições geográficas do local em que se encontravam. Quando estavam na proximidade de rios, este era o principal ponto de encontro das crianças e também dos adultos nos dias mais quentes, ali todos tomavam banho e brincavam em conjunto. Nesse espaço, as brincadeiras que mais se realizavam eram: o pega-pega na água, mergulho, saltar dos barrancos, brincar com o barro da margem do rio, entre outras. A infância, ressalta Steinberg (1997 apud STRAUB, 2010), é uma criação social, estando sujeita a mudanças sempre que grandes transformações se verificam.

Neste mesmo sentido caminham Varela e Álvares-Uria (1991, p. 82 apud STRAUB, 2010), quando afirmam que as infâncias são construções históricas: “[...] as figuras da infância não são, como tem mostrado, nem naturais, nem unívocas, nem eternas”.

Pereira (1997), ao estudar a sociedade das crianças A’uwe-Xavante, fala da sazonalidade das brincadeiras realizadas na aldeia, ressaltando que as mesmas dependem das condições do tempo para a sua realização. As brincadeiras que acontecem na época da chuva são de um tipo, as que acontecem na época da seca são de outro. Esse comportamento também foi possível observar na comunidade Terena, onde desenvolvemos a pesquisa. As brincadeiras que mais se realizam na

Aldeia Kopenoty estão limitadas e direcionadas pelas condições físicas e geográficas que lá se encontram. Nos diversos espaços ocupados pelos Terena aconteceram alguns tipos de atividades característicos, de acordo com o lugar onde se encontravam, ou seja, ao que se percebe, os tipos de brincadeiras tem relação direta com o espaço e o tempo, o que demonstra o seu caráter sócio-histórico.

Estando lá na Reserva do Iriri, as atividades e brincadeiras são outras, pois lá existem outras condições espaciais e temporais, favoráveis a outros tipos de atividades para as crianças, ou seja, estas condições ambientais acabam levando as crianças a desenvolverem atividades que se adaptam ao ambiente em que estão. Na reserva, por exemplo, por estar localizada próxima aos rios, as brincadeiras acontecem também nesse ambiente. Nesse sentido, afirma Nunes (2002, p. 66), “[...] para compreender como cada sociedade vive é preciso atender às condições geográficas e ambientais e, fundamentalmente, às relações menos óbvias entre os indivíduos, o meio e sua vida coletiva”.

Como podemos constatar na história do povo Terena, de 1982 a 1988, esse grupo, de que estamos tratando neste texto, viveu entre os índios Bororo e as crianças começaram a aprender e a praticar os costumes daquele povo. Uma das atividades mais apreciadas pelas crianças era a arte da pesca, atividade em que o povo Bororo é bastante hábil. Até mesmo os anciãos mergulhavam no rio e com flechas pescavam grandes peixes que impressionavam as crianças. Observando a prática destas atividades pelos Bororo, as crianças Terena também procuravam imitá-los e, com isso, iam adquirindo as habilidades necessárias para o manejo do arco e da flecha também para a pesca, assim como a técnica do mergulho.

Matheus (professor da aldeia Terena Toripoku) conta, ainda expressando a emoção nos olhos, outras brincadeiras que eles realizavam naquele período e acabavam envolvendo adultos e crianças:

Lembro muito bem de uma brincadeira que a gente tinha lá que era o cipó, a gente ficava brincando, subindo nas árvores. Tinha também o babaçu, que tem uma casca muito grande e o pessoal Bororo tinha o hábito de pescar no rio com motor, subindo e descendo, mas eles tinham também as canoinhas de cocho, então a gente fazia, daqueles babaçu, uma canoa, mas isso não era em água, era na terra mesmo, então a gente puxava o outro. Quem tinha mais força puxava o menor e bolinha de meia, futebol com bola de meia, tinham outras também, mas não lembro. O restante era tomar banho de rio, pega-pega mergulhando, aí era menino, homem, todo mundo que brincava no rio. Por isso que eu com 12 anos já sabia nadar, mergulhar, pescar, já tinha todas as habilidades de um jovem [...]. (Matheus, em entrevista no dia 31 de agosto de 2007).

Percebemos que por meio das brincadeiras, tais como, a de fazer canoinhas com a casca que envolve o cacho do babaçu, as crianças imitavam uma atividade praticada pelos adultos para a realização da pesca. Outras também estavam relacionadas com a aquisição das habilidades necessárias para as tarefas do dia a dia, tais como, o subir em árvores e cipós, também através das brincadeiras de pega-pega, mergulhando no rio desenvolviam a habilidade para a pesca de mergulho realizada pelos índios Bororo. No entanto, podemos afirmar que as crianças não apenas imitavam as ações dos adultos, mas também, através do brincar ressignificavam estas atividades, dando a elas o seu modo de se relacionar com estes objetos e suas interpretações. Na fala de Matheus observamos também que as brincadeiras no rio envolviam todo o grupo, adultos e crianças brincavam no rio.

Com a saída da aldeia Bororo, os Terena passaram a viver em acampamentos, localizados nas margens da BR 163 e 364, e as brincadeiras que os acompanharam também dependiam das condições ambientais do local em que estavam acampados, porém, conforme afirmou Alvanei (índio Terena, atualmente acadêmico do curso de enfermagem da UFMT/Sinop), algumas brincadeiras acompanharam o grupo por todo este percurso que o grupo passou:

Na verdade em todos os acampamentos que a gente passou, sempre tinha alguma coisa pra eles passar o dia, uma das coisas que nunca faltou era um rio pra eles estar brincando, tomar banho, pescaria, o futebol de meia que eles inventavam, os torneinhos de arco e flecha que eles inventavam, eles passavam durante o dia assim, matavam algum passarinho para eles comerem, eles viviam basicamente assim, então as crianças durante esses anos cresceram dessa forma e hoje nós temos muitas crianças dessas que já são adolescentes e cresceram nessa luta! (Alvanei, em entrevista no dia 31 de agosto de 2007).

Na sequência, fez a comparação com a vida que agora estão levando na aldeia Kopenotyno Mato Grosso e afirmou que hoje as crianças são mais felizes do que naquela época, e julga que o fator determinante para essa felicidade maior das crianças se deve, justamente, ao fato da conquista de um lugar para viver:

A gente pode perceber que hoje eles estão mais contentes com a realidade que eles viveram durante todo esse tempo de lutas e protestos, eu acho o que torna eles hoje mais feliz é eles poder ter um lugar pra eles morar, então hoje a gente vê as crianças tendo um teto, uma casa pra eles morar, assim em termos da realidade que a gente viveu na época dos protestos, que eram barracos de lona, na época da chuva era aquela angústia, então o fato de não ter uma

segurança, as vezes vinha o vento, a chuva, ou alguma coisa assim, então era difícil pra eles, mas hoje o que a gente vê eles mais felizes hoje é justamente por essa causa de eles poder ter um lugar pra ficar; hoje eles se sentem mais seguros com relação a uma localidade própria deles, eles têm uma reserva, têm uma casa mais adequada do que a que eles viveram durante aqueles anos, então acho que isso torna eles mais felizes, a gente vê que eles estão mais felizes hoje, tem uma escola mais adequada do que a realidade que eles viveram no passado, acho que isso torna as crianças mais diferentes nesse sentido. (Alvanei, em entrevista no dia 31 de agosto de 2007).

Percebemos que, diante de todas as preocupações, a escola tem desempenhado um papel fundamental nesta nova fase que os Terena têm vivido no Mato Grosso. Através da educação, a comunidade tem buscado manter as crianças o maior tempo possível no contexto educacional. Neste sentido, diversos projetos estão sendo desenvolvidos com o objetivo de manter as crianças próximas da escola, tais como o *Índio Marceneiro*, onde as crianças constroem seus brinquedos, tem ainda a horta, a confecção de artesanatos e outras atividades que envolvem as crianças e também diversos adultos que se sentem motivados a colaborar e participar das atividades.

A criança Terena tem em seus jogos e brincadeiras as suas principais fontes de atividade física. Entre eles destacamos o futebol, este esporte atinge desde as crianças até os adultos. A todo o momento é possível observar crianças brincando com a bola e nos finais de tardes esta atividade é quase uma obrigação. Joga-se todos os dias, lá se aprende regras, conceitos, como: competitividade, lealdade, o que é bom, o que é ruim, enfim, conceitos aprendidos de forma lúdica.

A aldeia Terena no Norte de Mato Grosso, em particular, tem uma estrutura melhor se a compararmos com outras aldeias indígenas do Brasil. É um espaço onde as crianças podem se desenvolver de forma saudável e tranquila, mantendo suas raízes e defendendo sua cultura. Mesmo a aldeia Kopenoty conta com uma grande área onde as crianças podem correr, pular e se sentir livres para brincar; possui um grande campo aberto de futebol, onde são organizados diversos torneios entre as crianças, adultos e, também, o futebol feminino, que é muito praticado na aldeia. Espaço este que na reserva do Iriri é consideravelmente maior.

Observamos na pesquisa que, atualmente, as brincadeiras mais recorrentes na Aldeia Kopenoty são o futebol e o vôlei. Essas brincadeiras envolvem tanto meninos quanto meninas e, quando solicitado pelo professor ou outro adulto, fazem times mistos, mas quando brincam livremente, dificilmente se misturam, preferindo brincar meninos com meninos e meninas com meninas. Outras brincadeiras que envolvem mais as meninas são as brincadeiras de bonecas, de casinhas e as brincadeiras de roda. Os meninos também brincam com carrinhos comprados na cidade e pipas.

Alvanei fala da facilidade com que hoje é possível comprar brinquedos industrializados e isso acaba limitando a criatividade das crianças, as quais deixam de fabricar os seus próprios brinquedos, diferente de sua infância, onde tudo era confeccionado pelas próprias crianças,

[...] na verdade na minha época a gente criava os brinquedos, inventava brinquedos, hoje a facilidade é muito grande de você adquirir, por exemplo, um carrinho pra você brincar no chão, enfim, muitas coisas você pode adquirir hoje com facilidade e a gente vê que isso ajuda por um lado, mas acaba atrapalhando por outro lado, porque a partir do momento que você começa a fazer o seu próprio brinquedo, você tá usando também a inteligência, você tá desenvolvendo sua inteligência. Hoje não, você pega uma coisa ali pronta e vai ali e brinca, então acaba atrapalhando também nesse sentido, não força muito a criança a criar e na minha época eu tinha que fazer os meus brinquedos, juntava lata de óleo, cortava madeira, inventava os nossos brinquedos e hoje não, a facilidade que tem, as crianças brincam de carrinho, de empinar pipa, muitos ainda fazem, mas a facilidade que tem no comércio, por ser uma coisa barata, vai lá e compra porque é mais fácil, então são essas as brincadeiras que são desenvolvidas e muitas das brincadeiras que a gente considera tradicionais ficam meio que de lado, embora a escola trabalhe com essa visão de estar trabalhando mais as atividades da própria etnia, mas acaba ficando de lado no dia a dia das crianças, porque ela acaba brincando com aquilo que é mais fácil, pega um carrinho, uma pipa [...] e na nossa época as nossas diversões eram completamente diferente, a pesca pra nós quando éramos crianças era uma das principais diversões além de ser algo que a gente buscava pra comer. (Alvanei, em entrevista no dia 29 de agosto de 2008).

Conforme observamos nas visitas, lá na reserva, nas Aldeias Turipokúe KuxonetyPoke³, para eles é tudo novidade, a biodiversidade lá existente, a floresta, os animais, os rios, para eles é tudo novidade³. As crianças adoram ir para lá. Na reserva eles vão tomar banhos no rio, caçar, pescar, já fazendo uso da

3 Destacamos que na reserva do Iriri é tudo novidade, pois a ocupação deste espaço pelos Terena é recente, este grupo foi transferido para esta reserva em 2005, no entanto ficaram concentrados na Aldeia Kopenoty até 2008 e só nesses últimos anos que as demais aldeias foram de fato ocupadas, sendo elas: Turipoku, KuxonetyPoke³ e a mais recente, Inamati.

tecnologia do não índio, não é mais apenas com arco e flecha, hoje se usa rede, anzol, o que acaba facilitando a realização da pesca.

A natureza se transforma num elemento propulsor para a realização de diversas brincadeiras e estas também se convertem em momentos de aprendizagem de práticas sociais e culturais do grupo. No momento em que realizamos esta entrevista, a energia elétrica⁴ ainda não havia chegado à reserva do Iriri e, a este respeito, Alvanei nos fala:

[...] a gente sempre costuma dizer da questão da energia elétrica nas comunidades indígenas que por um lado beneficia, mas que por outro atrapalha bastante. Se a gente for lá no Iriri numa noite pra ver o que está acontecendo a gente vai encontrar os velhos contando história, as velhas conversando algo importante sobre o passado, isso faz com que o aprendizado seja melhor. Eu lembro na aldeia quando não tinha energia, nossa diversão à noite eram as histórias, a gente sentava perto da fogueira e ouvia os velhos contar as histórias, então muitas coisas a gente aprendia, então a gente começa hoje a analisar aquelas histórias, parece que não tinham sentido, mas traziam algo que ensinavam a gente. Acredito que isso tá acontecendo lá e mesmo que seja entre as famílias, mas tá acontecendo, no nosso caso, na época, vinham pessoas de outras famílias, reuniam e conversavam, eu não estou vivenciando isso diretamente lá, mas a possibilidade de isso voltar a ser como antes é grande pelo fato de não ter energia, mas o projeto é de estar atendendo as comunidades indígenas com energia e a gente vê que isso acaba atrapalhando bastante. A gente perde muita coisa com isso. (Alvanei, em entrevista no dia 29 de agosto de 2008).

Percebemos na fala de Alvanei uma preocupação com relação à chegada da energia elétrica nas aldeias. Ao mesmo tempo em que a energia leva benefícios e conforto para as comunidades, segundo o entrevistado, também atrapalha na educação das crianças. Ainda é preciso avançar nessa relação para fazer uso dos benefícios sem perder os momentos importantes de encontro das famílias, que proporcionam grande aprendizado para todos.

Observamos, na aldeia Terena, que a relação dos adultos com as crianças é bastante paciente e carinhosa. Dentro desta *pedagogia* há pouco uso da palavra e muito uso do exemplo. As crianças com idade até cinco ou seis anos possuem uma

4 A energia elétrica chegou à reserva do Iriri no final do ano de 2008.

liberdade total dentro da família, não há cobranças por parte dos pais. As crianças têm liberdade para levantar, brincar, podem fazer o que elas quiserem. Porém, a partir dos seis ou sete anos os pais começam a cobrar mais, a partir do momento que a família percebe que a criança já tem a capacidade de entendimento, começam as cobranças, tanto para as meninas quanto para os meninos.

No caso dos meninos, estes são educados na concepção de que cabe ao homem o provimento do lar, neste sentido, desde cedo os pais já começam a mostrar o que eles devem fazer, como devem fazer e quais são as responsabilidades que eles devem assumir. No caso das meninas, desde os primeiros anos as mães já começam a mostrar para elas como deve ser feito o trabalho da casa. A partir do trabalho do dia-a-dia que a mãe executa, ela vai ensinando isso também para as crianças. Isto tudo sem deixar de lado a preocupação com a educação escolar.

As mães vão, aos poucos, ensinando as meninas a lavar a louça, cuidar da casa, varrer o quintal, atendendo sempre para a curiosidade da criança, que é muito grande e que, no observar o trabalho feito pelas mães, desperta o interesse da criança de também estar fazendo este trabalho. Neste sentido, é permitido que uma criança de três ou quatro anos, observando a mãe, já passe a lavar alguma roupa ou alguma vasilha, fato permitido pelas mães, por entenderem que a criança vai aprendendo a realizar este trabalho. Não queremos afirmar que tudo acontece de maneira natural, mas as atividades realizadas pelas crianças são feitas sem a pressa dos resultados, enquanto entre os grupos não índios se cobram certas atitudes rápidas das crianças.

Observamos ainda que as meninas são mais educadas pelas mães e os meninos, pelos pais. Na verdade, os meninos, a partir dos sete ou oito anos, já vão fazer algo que os pais determinam. Geralmente o trabalho da casa é mais específico para as mulheres. Então, os meninos acompanham o pai, eles trabalham, por exemplo, nas lavouras, ajudam a plantar, a limpar a roça, respeitando os limites das possibilidades de trabalho da criança. Porém, considera-se na aldeia, importante que a criança cresça com a ideia de que futuramente, quando ela se tornar adulta, será ela quem trabalhará para manter a família. O trabalho do homem, no ponto de vista das famílias, é para manter a casa, sustentar a família e, no caso dos Terena, este sustento vem da lavoura, então é cobrado do menino, para que ele cresça com essa ideia.

Durante o período em que as famílias permaneceram apenas na aldeia Kopenoty, este trabalho nas lavouras foi deixado de lado, porém agora, com a intensificação dos trabalhos na área da Reserva do Iriri, surge a necessidade de mais pessoas trabalhando na lavoura e, com isso, vários meninos passaram a ir para a reserva a fim de ajudar os pais no trabalho. Muitas famílias demoraram a abrir roças na reserva, porque se fossem para lá teriam que levar seus filhos

e isso atrapalharia os estudos, uma vez que as atividades de lavoura coincidem com o período das aulas, e se a família fosse para lá para mexer com a lavoura, os filhos teriam que ir junto a fim de ajudar e, conseqüentemente, abandonariam a escola. Porém, agora, este problema foi contornado com a instalação de uma escola na Reserva, possibilitando assim um tempo para estudar e um tempo para trabalhar com os pais na lavoura.

É a partir desse momento que a criança começa a ter a noção do que realmente é o trabalho e a liberdade para brincar, criar, inventar. Percebemos que é comum os pais não ensinarem todas as regras/passos das brincadeiras para as crianças, apenas oferecem as condições e elas ali inventam, observando, por exemplo, as mães, ou os irmãos maiores. Então, desde cedo, elas começam a ter essa noção, de como a mãe ou os irmãos fazem e com isso inventam seus brinquedos. Pegam uma boneca ou algo similar e fazem como se fosse uma filha delas, começam a cuidar e a amamentar essa criança de faz de conta, enfim, partindo da curiosidade que as crianças têm, elas começam a inventar e a criar situações de aprendizagem.

As crianças, desde pequenas já vão realizando pequenos trabalhos, juntamente com os adultos, os chamados *trabalhos de criança*, os quais vão se intensificando e complexificando, conforme elas se desenvolvem. Observamos, numa das entrevistas com um grupo de crianças de três e quatro anos, que esta visão de pequenos trabalhos é encarada com muita naturalidade:

Pesquisador: *o que toda criança gosta de fazer?*

Criança: *pica-pau!*

Criança: *de ficar aqui na escola estudando.*

Pesquisador: *Gosta de estudar?*

Criança: *gosta de lavar roupa.*

Pesquisador: *Você gosta de lavar roupa?*

Criança: *sim!*

Criança: *eu gosto de lavar vasilha*

Criança: *eu também gosto de lavar vasilha*

(conversa com várias crianças de 03 e 04 anos, dentro de uma pequena oca que serve de sala de aula para estas crianças).

As crianças, através das atividades típicas do seu mundo infantil, recriam o universo do adulto, não apenas por imitação, mas como forma de crescimento, de projetar-se para adiante do lugar em que se encontram, a fim de buscar a superação do seu estágio inicial. O universo infantil é quantitativa e qualitativamente diferente do universo adulto e merece ser estudado, pois assim nos ajudará a compreender o seu processo de formação e de desenvolvimento.

Referências

ALMEIDA, Arthur J. Medeiros de. Esporte, jogos e brincadeiras: compreendendo elementos interculturais para educação escolar indígena crítica. In: GRANDO, Beleni S.; PASSOS, Luiz A. (Org.). **O eu e o outro na escola: contribuições para incluir a história e a cultura dos povos indígenas na escola**. Cuiabá: EdUFMT, 2010.

BARBOSA, Ivone Garcia et al. **Políticas Públicas e Educação da Infância em Goiás: história, concepções, projetos e práticas**. Goiânia: FE/UFG, 2006. (Projeto de Pesquisa).

_____. **Pré-escola e formação de conceitos: uma versão sócio-histórico-dialética**. Tese (Doutorado em Educação)– Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 1997.

ELKONIN, D. B. **Psicologia do jogo**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FASSEBER, José R. Mendonça; FREITAG, L. da Costa; FERREIRA, Maria B. Rocha. Jogos dos povos indígenas: um “lugar” de negociações sociais. In: GRANDO, Beleni S.; PASSOS, Luiz A. (Org.). **O eu e o outro na escola: contribuições para incluir a história e a cultura dos povos indígenas na escola**. Cuiabá: EdUFMT, 2010.

GRANDO, Beleni Salette. O jogo da educação do corpo e a identidade bororo em espaços de fronteiras étnicas e culturais. In: GRANDO, Beleni S.; PASSOS, Luiz A. (Org.). **O eu e o outro na escola: contribuições para incluir a história e a cultura dos povos indígenas na escola**. Cuiabá: EdUFMT, 2010.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. Tradução de Alfredo Veiga-Neto. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

STRAUB, José L. **Infância e brincadeiras: culturas que governam**. Cáceres: Editora Unemat, 2010.

LEONTIEV, Alexis. **O Desenvolvimento do Psiquismo**. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2004.

_____. Os princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar. In: VYGOTSKY, Lev S.; LURIA, Alexander R.; LEONTIEV, Alexis N. (Org.). **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 2006.

LURIA, A. R. **Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Luria**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

NUNES, Ângela M. O lugar das crianças nos textos sobre as sociedades indígenas brasileiras. In: SILVA, Araci L. da; MACEDO, Ana V. L. da S.; NUNES, Ângela (Org.). **Crianças Indígenas: ensaios antropológicos**. São Paulo: Global, 2002.

PEREIRA, A. M. N. M. **A sociedade das crianças A'uwe-Xavante: por uma antropologia da Criança**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Departamento de Antropologia, USP, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1997.

VYGOTSKY, Lev S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989. (Col. Psicologia e Pedagogia).

_____. **O desenvolvimento psicológico na infância**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VYGOTSKY, Lev S.; LURIA, Alexander R.; LEONTIEV, Alexis N. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 2006.

WALLON, Henri. **Psicologia e Educação da infância**. Lisboa: Editorial Estampa, 1975.

Recebimento em: 12/12/2012

Accite em: 31/01/2013